

Imagem do vitimizado: Galeano e as concepções acerca da colonização na América Latina

Guilherme Santos Cabral de Oliveira

“Eu também sou vítima de sonhos adiados, de esperanças dilaceradas, mas, apesar disso, eu ainda tenho um sonho, porque a gente não pode desistir da vida.”

Martin Luther King.

A Vitimologia – Entendo o conceito no Direito

Esse trabalho se ocupa em analisar as concepções de Eduardo Galeano acerca da vitimização da terra e indivíduos nativos e “cativos” presente, segundo ele, na colonização da América Latina. Partindo dessa idéia, observamos um segundo e um terceiro viés e o ponto-chave do trabalho: outras observações e presença da reflexão de Galeano nos livros didáticos sobre o mesmo tema. Porém, para instrumentabilizar nossos argumentos, usaremos determinadas ferramentas para que o leitor possa por aí refletir também acerca da temática e por si saber interpretar mais adequadamente o tom dos diálogos propostos aqui.

Uma dessas ferramentas usadas para a melhor interpretação do leitor sobre o trabalho, é o conceito de vítima e suas “atribuições” no sentido do qual mais podemos observar a palavra vítima. O campo do qual a vítima se faz através dos códigos de leis: O Direito. Não se faz tão difícil que quando nos questionamos o que é vítima ou vitimizado, ou mesmo vitimização nos façamos um cientes sobre o que estamos falando e nos faz chegar perto do conceito de vítima e os que são oriundos desse. Esse conhecimento dos conceitos nos é presente pelo, seja ele pouco ou não, conhecimento das leis. Ou pelo menos da busca pelos nossos direitos.

Pois bem, para que nos façamos entender melhor sobre tais conceitos, utilizo o conceito de vítima que nos cede Mario Bezerra da Silva no seu artigo sobre vitimologia. Segundo Bezerra da Silva a a palavra “vítima”, etimologicamente (victima ae), tem o significado de tratado, estudo... Mais corretamente, estudo da vítima. Tal conceito, foi usado pela primeira vez, ainda segundo Mario Bezerra da Silva, “por Benjamim Mendelson, advogado israelense, vítima da II Guerra mundial, em 1947, em palestra intitulada “The

origins of the Doctrine of Victimology”.”¹

Pelas nossas interpretações, acerca do texto do senhor Mario Bezerra da Silva, nos permite entender uns outros conceitos e definições. A vítima, é nada mais nada menos que, o indivíduo que sofre danos, sejam esses quais for, vinculados ao abuso de poder. E vitimização, é a ação de vitimizar. Ou seja, quando o indivíduo se torna vítima da própria conduta ou da de terceiros, ou mesmo de fatos naturais. Portanto, a vitimologia tem toda uma relação da influência da vítima no fato criminal e vai além, estabelece os parâmetros que vão desde os motivos e da ocorrência até suas consequências.

Ora, o Direito então, nos proporciona, pelo menos no que aqui explicitarei dois questionamentos. Um desses questionamentos é que, a julgar pela data que o termo é empregado e pelo contexto (já que o senhor Benjamin Mendelson havia sido vítima na II Grande Guerra), será que o termo vítima cabe à colonização da América Latina? E se não, de fato os nativos não sofreram danos e expropriações pelas mãos dos colonos e colonizadores? São dois questionamentos que discutiremos mais a frente.

“Vassoura mata -

A vítima é uma
grande barata”

Carlos Seabra

O Discurso de Galeano

O “*Veias Abertas...*” é um grito. É um grito para quem o lê e certamente foi um grito para quem o escreveu. Galeano escreve, antes de tudo, com a voz embargada de quem vivia um período de América Latina conturbada. Os ares da repressão já ventavam fortes no Brasil, por exemplo. E pouco tempo depois ele mesmo sentiria na pele os efeitos da repressão dos regimes militares no seu próprio país, o Uruguai. Portanto, é deveras complicado separar os efeitos descritos na sua obra, dos efeitos sentidos por ele mesmo. Galeano não estava escrevendo somente encaminhando o pensamento para os incas, maias e mexicas, mas também escreveu para si. Para o contexto de sua época. Colocou lado a lado os colonizados povos indigenistas, os revoltosos ao lado de Emiliano Zapata e a si próprio e a sociedade latina que ainda respirava com “ajuda” dos aparelhos norte americanos e europeus. “*Veias*

¹SILVA, Mario Bezerra da. Vitimologia. [Online] Disponível na internet via <http://www.apriori.com.br/cgi/for/vitimologia-t2722.html>.

Abertas...” É um discurso sobre a ensanguentada América Latina, revoltosa mas assolada, rica mas usurpada e por anos e anos, muda com o horror que lhe foi imposto.

Mas o que devemos fazer nesse trabalho é observar tal discurso na perspectiva colonial. Galeano dedica boa parte da sua obra para tratar das visões sobre a colônia. E dedica-se também a discursar pelo vitimizado, sem esquecer quem vitimiza. Na primeira parte intitulada “*A pobreza do homem como resultado da riqueza da terra*”, Galeano divide em dois subtítulos os temas de que vai tratar. Nos dedicaremos ao primeiro que o autor chama de “*Febre de Ouro, Febre de Prata*”. Ora, por esse subtítulo já fazemos alguma ideia do que o jornalista uruguaio irá se referir. É a despeito da colonização que Galeano faz-se mais dinâmico. Talvez, esse dinamismo fica por encargo do autor apontar na colonização os motivos das desventuras latinas. O que certamente nos é apresentado, é uma visão que parte de um ponto do qual quem está estabelecido é o vencido e não o vencedor. É claro que, como o embasamento da obra era de suma importância, documentos e textos de historiadores são usados com frequência. Embora o que marque a obra mesmo seja o discurso empregado por Galeano, não devemos nos privar ou inocentar os citados. Eles também, se não empregam, dialogam com tal discurso. O discurso do vitimizado.

A colonização não se faria sem que existisse um argumento para tal. É claro que para os conquistadores a busca pelos metais e as já tão famosas especiarias sem a concorrência do Mediterrâneo já por si, fariam um bom argumento. A Coroa que também nunca se negou a angariar cada vez mais (isso fazia parte da lógica mercantil), porém, ainda não é dessa saída que estamos falando. O argumento está no que acontecia no período do descobrimento. As reconquistas espanholas tinham um fundo idealista maior do que a própria guerra militar ou a guerra por territórios. É da Guerra Santa é que estamos falando. A guerra que empunha as espadas contra os hereges. Os inimigos da Igreja. A Santa Inquisição tinha o dever, através da espada, de dizimar quem tinha tal mentalidade herética e “levantando espadas cujas empunhaduras desenhavam o sinal da cruz” (Galeano, 1971, p.24) assim o fez em muitas ocasiões. A Igreja deu o argumento que a Coroa espanhola precisava. O caráter sacro da dominação significava a expansão da religião Católica sobre a terra dos perdidos. E assim, a Igreja que também foi colonizadora por meios variados, incluindo a catequese, deu o cunho sagrado e o argumento necessário para a colonização.

Mas voltamos ao que de fato nos interessa no livro de Galeano: a imagem do vitimizado. O que Galeano acaba por pregar, é na verdade a imagem de uma América Latina submissa aos jograis da colonização. É o afluxo crescente de ouro e prata das fontes da América e as indelévels feridas que acabam por deixar na população nativa é que o preocupa.

Seus argumentos se estabelecem entre o maravilhoso Novo Mundo que aos conquistadores encheram os olhos e o sofrimento nativo e exploração dos recursos que a terra havia por oferecer e que acabou por fazer das Metrôpoles mais ricas com o avanço da colonização. É o que diz Jorge Escosteguy para a revista Veja e que ilustra a contracapa da 39ª edição do “*As Veias Abertas...*” da editora Paz e Terra. No comentário Escosteguy diz:

AS VEIAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA propõe um rigoroso inventário da história de um continente que deu ouro e prata, açúcar e diamantes, café, minerais estratégicos e vidas humanas aos colonizadores de plantão, recebendo em troca pouco mais que um subdesenvolvimento crônico e controlado.

O que o senhor Escosteguy que já foi inclusive editor da revista citada diz com o comentário, é que o texto de Galeano criva na colonização os motivos do tal subdesenvolvimento da parte latina do continente. E culpa o desnível de desenvolvimento e o assombro dos nativos pelo que o continente havia se tornado. O autor uruguaio certamente dá voz a esse pensamento, o jornalista brasileiro o reafirma e através de um meio que relativamente acaba por formar opiniões, dissemina-o.

O que se lê das primeiras páginas do livro de Eduardo Galeano, é a de que forma os colonizadores chegam a América Latina, contando com o forte desenvolvimento em eclosão com as criações renascentistas (Galeano, p.28) e massacra a população nativa com relativa facilidade e junto às pestes disseminam o mal. Como esse fragmento do texto nos explicita:

Com tiros de arcabuz, golpes de espada e sopros de peste, avançavam os implacáveis e escassos conquistadores da América. É que contam as vozes dos vencidos (...).

São como dizem o próprio Galeano no subtítulo que antecede esse fragmento acima: “Como Porcos Famintos, Anseiam Pelo Ouro”¹. É o europeu quem chega à América, seja pela imposição da espada ou pelo surto da peste, trazendo o mal as civilizações nativas, que aparecem aqui num tom quase totalmente harmônico e habitantes de um universo maravilhoso. O europeu conquistador da América Latina é o próprio mal disfarçado nos argumentos da Guerra Santa.

Com isso explicitamos, mesmo que de uma maneira menos aprofundada, a

¹ GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*: tradução de Galeno de Freitas, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

mentalidade impregnada no texto que nos serve de base para esse trabalho e para nossa tentativa de compreender o modelo do “nativo vítima”. Pretendo seguir explicitando alguns diálogos que nos pode ser interessante para tal estudo.

“A vítima está sempre alheia ao mal”

Friedrich Nietzsche

O “Nativo Vitimizado” em Diálogo

Como já sugerimos no início, essa visão do nativo americano se torna uma vítima casta na mão de um colonizador sádico e sagaz vem perdendo espaço dentre a historiografia e cada vez menos vem sendo descrita como útil os estudos sobre a conquista. De fato, tal situação vem se desfazendo. Mas ao que nos é apresentado, Galeano não joga sozinho o jogo da vítima. Ele tem apoio anterior e posterior ao seu texto. Esse apoio é fundamentado em diferentes autores. Alguns deles trabalham inclusive com fontes que perturbariam de certo a questão dos vitimizados, mas mesmo assim fazem questão de se mostrarem do lado do argumento do vitimizado. Nesse caso, o que entra em questão mais comumente é se opor a visão do vencedor e escrever pelas vistas dos vencidos. É entrar no âmago da questão como a vítima dos ataques e saques europeus às ricas cidades das civilizações nativas da América. Ou mesmo demonstrar sim a visão do vencido, mas sob um outro aspecto. O vencido como indivíduo inferior ou totalmente estranho as dinâmicas que a colonização vos traz. Assim nos demonstra bem Tzvetan Todorov, árduamente trabalhado pelos cursos que elevam a temática da colonização da América, ou antes disso. Logo na dedicatória do seu *“A Conquista da América – A questão do outro”*, Todorov deixa-nos já cientes como se dará sua abordagem: *“Dedico este livro à uma mulher maia devorada pelos cães”*¹. Embora a conquista seja para Todorov apenas um fato para dar plano de fundo para o que o autor realmente quer chamar a atenção – o comportamento para com o outro -, o texto nos demonstra muito bem as semelhanças com o discurso empregado ao outro autor, o uruguaio, Eduardo Galeano. Os dois, de certo podem não ter o mínimo diálogo para desenvolver suas obras. Mas as semelhanças, no sentido de pensamento sobre a questão do vitimizado, são presentes. O interessante, é notar na obra do filósofo búlgaro fragmentos que demonstram absolutamente o contrário da visão de vítima que o conquistado ganha de Galeano e por vezes do próprio Todorov, que o considera na realidade, não compreendido pelo conquistado, abandonando a

¹ TODOROV, Tzvetan, *A Conquista da América: A questão do outro*, 2ª ed., São Paulo, 1999, Martins Fontes.

dialética presente nessa relação. Vejamos então um fragmento presente no texto de Todorov:

O ouro e as pedras preciosas, que atraem os espanhóis, já eram recolhido como imposto pelos funcionários de Motezuma; parece impossível rejeitar esta alegação como pura invenção dos espanhóis, visando legitimar sua conquista, embora fosse também isso (...)²

Ora, nos parece então que o imperador asteca também tributava impostos das demais civilizações dominadas por seu império no território que hoje compreendemos como México. E se lermos ainda mais acima no texto de Todorov, encontramos as citações que permitem ao autor tirar suas conclusões explícitas no fragmento acima. Tais citações correspondem as descrições de Bernal Díaz das queixas feitas pelos povos dominados pelos astecas. Queixas essas que incluíam trabalho escravo, violência sexual e roubos (Todorov, p.70). Claro, isso não justificaria a força usada na conquista e na colonização da América Latina por parte dos europeus, mas também não faz vítima os povos dominados pelos mexicas ou os próprios mexicas vítimas dos colonizadores... Ou faz?

Pensemos então esse diálogo de um outro ponto de vista. Um que chega a dar um termo a essa relação entre colonizador e colonizado ou conquistador e conquistado. Um termo que se funde a outro para dar caráter a um conceito que somará a esse de vitimizado sem maiores problemas. Vejamos então o que pensa a Antropologia, presente nas interpretações de Pierre Clastres. O antropólogo chega a falar em etnocídio.

Na obra póstuma de Clastres, *“Arqueologia da Violência: ensaios de antropologia política”* Clastres busca fazer uma reflexão sobre a questão do etnocídio analisando desde a terminologia da palavra até chegar numa análise que se aprofunda no conceito na qual tentará desenvolver desde o significado, perpassando através da comparação com outros conceitos, até suas consequências utilizando-se de vários exemplos práticos na história e buscando um diálogo com outros antropólogos, pretendendo a melhor compreensão acerca da questão.³

Acabamos então, por voltar ao Direito. Segundo o próprio Clastres, anteriormente ao conceito de etnocídio, vem o conceito de genocídio do qual a palavra anterior é vinculada. Tal conceito teria surgido para denominar um crime que até então não se havia conhecimento. Trata-se da criminalidade gerada pelo extermínio imposto pela Alemanha nazista aos judeus.

² TODOROV, Tzvetan, A Conquista da América: A questão do outro, p.70, 2ª ed., São Paulo, 1999, Martins Fontes.

³ FRAUSTO, Bruno César de Sá. Do etnocídio [on line] Disponível na Internet via <http://estacaod.blogspot.com/2008/05/do-etnocidio.html>. 2008

Na visão do antropólogo francês, portanto, a origem do delito genocídio está no racismo.⁴ Mas ainda não é por aí que devemos ater nossas atenções. Para que voltemos ao nosso assunto, que é a imagem do colonizado vitimizado no contexto da conquista da América que começa no século XV, vejamos um fragmento do próprio Clastres em seu ensaio denominado de “*Do etnocídio*” (que foi publicado originalmente em *Encyclopaedia Universalis* – Paris: Universalis, 1974):

Embora o genocídio anti-semitas nazistas tenha sido o primeiro a ser julgado em nome da lei, não foi o primeiro a ser perpetrado(...) Todavia, por sua extensão continental, pela amplitude da queda demográfica que provocou, é o genocídio de que foram vítimas os indígenas americanos que mais chamam a atenção(...)

No fragmento citado acima, aparece com ênfase duas palavras: uma que dá caráter criminal a conquista da América (genocídio) e outra que caracteriza a condição de quem foi conquistado (vítima). Mesmo que o discurso ganhe outros embasamentos, ou mesmo que se desenvolvam em diferentes campos – Galeano na “linguagem jornalística” e Clastres na Antropologia política - sem dúvida bebem na mesma fonte. Está aí explícita a condição de vítima envolvendo o conquistado. Mas Pierre Clastres não para por aí. Ele segue seu ensaio dando cada vez mais foco para as questões da colonização da América e o extermínio das civilizações nativas, traçando inclusive uma “linha de massacre” que vai partir do 1492 até a data presente do texto onde há palavras que beiram a indignação, como a denúncia dos massacres na região amazônica, Colômbia e Paraguai (Clastres, p82). O antropólogo segue o ensaio discorrendo sobre experiência americana no que desrespeito à colonização, ditando os conformes para o trabalho dos etnólogos inclusive na formulação do conceito. É a partir daí, que Clastres faz a distinção dos termos genocídio e etnocídio. Quanto ao genocídio, pensemos no caso da Alemanha nazista que exterminou fisicamente a minoria racial judaica nos campos de trabalho forçado e etc. Para Pierre Clastres o etnocídio vai exterminar a cultura. O etnocida é, portanto o destruidor das mentalidades que constituem uma percepção diferente da dele. Ora, mas por aí já podemos observar um ponto chave da obra do já citado Todorov. Não é presente aí, nos conceitos sobre etnocídio de Clastres a ideia do Outro? Conseguimos então a partir desse ponto do nosso trabalho, confrontar os trabalhos de três autores sem perder de

⁴ CLASTRES, Pierre. "Do etnocídio", in *Arqueologia da violência: ensaios de antropologia política*. São Paulo, CosacNaify, 2004.

vista as concepções sobre a colonização da América Latina e principalmente sem se desfazer da visão do vitimizado, além da obra de Eduardo Galeano que nos é tão cara em nossas abordagens. Mas deixamos os diálogos e futuros confrontos de lado e voltemos ao antropólogo francês.

Clastres aponta no seu texto não só a diferença dos conceitos etnocídio e genocídio mas o que os dois têm em comum. E esse fator comum é a maneira com que o colonizador encara o Outro. Tal maneira, a diferença, não é a maneira que do diferente empregado pelos direitos humanos já no último século. Essa idéia do Outro é uma idéia da má diferença. O Outro é bestializado e passa quase a perder a sua identidade humana. Farei aqui, minha a citação de Clastres: Lévi-Strauss já escrevia em seu *“Raça e História”* as ambiguidades que constituíam as visões do índio para com o branco e vice-versa. Os nativos questionavam se os europeus eram deuses ou homens, enquanto os conquistadores se os índios eram seres humanos ou animais.⁵

Até aqui, onde forçamos Galeano a discursar com outros autores, a imagem do vitimizado se perpetua através de termos e entendimentos. Quero esclarecer que é pelo nosso trabalho que esse diálogo existe, e não de outro modo ele se fez, pelo menos ao nível que o nosso conhecimento alcança.

Mas não paramos por aí. Antes de revisitarmos a obra de Eduardo Galeano nos livros didáticos – o que para nosso trabalho é muito importante, já que é no período escolar que temos a primeira experiência acadêmica, por assim dizer, com as concepções acerca da colonização da América – forcemos mais um pouco o diálogo com outros autores. Dessa vez, deixemos de lado a “visão da qual a América foi vítima inerme sob o jugo do conquistador, tentando perceber o processo de colonização, não como um jogo ganho a priori, mas como disputa, que se desenrola dialeticamente, onde o conquistado, não é um brinquedo em mãos do conquistador convertido quase num psicopata.”⁶

Temos aqui então, o aclamado historiador e autor francês Serge Gruzinski e o seu *“O pensamento mestiço”* para nos auxiliar nas concepções que correm no outro lado da correnteza. É nessa obra que Gruzinski demonstra como os ameríndios e os colonizadores da segunda metade do século XVI sofreram uma espécie de intercâmbio cultural. O que o historiador francês chama de mestiçagem. Embora Gruzinski reconheça que no momento da conquista, as atribulações e conflitos existiram de fato, gerando um caos oriundo do estranhamento entre as culturas do europeu do “renascimento” e as civilizações nativas.

⁵ LEVI-STRAUSS, Claude. *“Raça e História”*, São Paulo, Presença, 2000.

⁶ VAZELESK, Vanderlei. *“Ementa in Programa de História da América I, UFRRJ, 2009.2.*

Porém, seria impossível, ainda segundo o autor a compreensão da mistura entre as culturas e a evolução do quadro colonial. Mistura essa que se dá, na compreensão do autor, em duas ocasiões: uma delas o autor atribui um nome - “zonas estranhas”. O surgimento dessa ocasião seriam as profundas marcas que as necessidades deixaram na relação colonizador-colonizado, onde foi preciso adaptações das normas e dos costumes das duas culturas. Outra ocasião que nos faz importante, é a questão da Ocidentalização, da qual Serge Gruzinski dedica um capítulo de “*O pensamento mestiço*”. Segundo o autor, ela operou a transferência para o nosso lado do Atlântico dos imaginários e das instituições do Velho Mundo (p. 94).⁷

É, portanto, identificando no texto de Gruzinski essa “nova América”, que ganha cada vez mais voz academicamente. O que nos permite localizar fragmentos que se tornam importante à nossa análise e apresenta-se bem no contexto que tentamos dialogar. Observemos então esse fragmento do texto:

Iriam os espanhóis se contentar em erguer um cenário europeizado, destinado a reproduzir na América a Castela medieval e renascentista, burocrática e conquistadora? A réplica do Velho Mundo não excluía a população indígena. Melhor ainda, não podia dispensá-la. Juridicamente, os vencidos constituíam um dos corpos da sociedade colonial: a “república dos índios” diante dos espanhóis. Institucionalmente eles formavam comunidades inspiradas no modelo castelhano.

O que Gruzinski nos diz então, nesse fragmento do seu “*O pensamento mestiço*” que achei de suma importância para a constituição do nosso trabalho, é que havia sim uma relação entre colonizadores e colonizados que ia além da simples subordinação pela descomunal força. Os nativos interagiam sim com os conquistadores e de maneira tão intensa, a julgar pelo autor francês, que ocupavam um lugar na sociedade colonial de importância extremamente considerável. Outro que vem a contribuir com essa visão é John Monteiro. No seu artigo sobre a escravidão indígena no Brasil, Monteiro disserta a importância do indígena para a constituição dos mecanismos pré-coloniais e coloniais. Suas atuações nas atividades econômicas e funções no movimento de interiorização da colonização. Além de expor também as diferentes formas de aprisionamento e resistência quanto ao cativo gentio e o posicionamento dos diferentes grupos que interagiam (incluindo os próprios nativos) no âmbito dessas tensões sociais.⁸

⁷ GIL, Antônio Carlos Amador. Rev. Bras. Hist. Vol.22,no.44,São Paulo,2002

⁸ MONTEIRO, John. “Escravo índio, esse desconhecido” In.: CHAUI, Marilena de Souza, GRUPIONI. Índios

Ou seja, aos que nos apresentam a imagem do vitimizado, tem um contra-argumento que nos permite reavaliar o pensamento sobre as tais “subordinações sucessivas”(Galeano, p.43) que a América lida por Galeano teria vivido na sua fase de colonização. Muito embora também apresentemos aqui autores que certamente liam da mesma forma, o questionamento acerca da vitimização do nativo e não só dele, mas da terra como diz o próprio jornalista uruguaio, nos é recorrente ao menos na academia. Porém, não é com a visão que atribui uma certa ruptura com o entendimento de Galeano, Clastres e outros que temos nossa primeira experiência com relação a colonização. É nas bases do ensino que nos deparamos pela primeira vez com os acontecimentos que partem do 1492. E, de fato, não é com a ótica da dialética entre as culturas, que observamos a dinâmica da conquista. Pode-se levar em conta o quadro ultramarino, ou mesmo as conjunturas do mercantilismo, mas ainda dá alcunhas como “exploradores” e barbariza os mecanismos impostos na conquista da América Latina. De maneira que a visão que temos até estudarmos com profundidade o assunto, é somente a da vitimização do nativo e do escravo negro em detrimento do enriquecimento do branco colonizador, que destrói as comunidades e as terras dos indígenas com suas máquinas de triturar índios (Galeano, p.52).

O que veremos a seguir é uma (mesmo que rala, mas não menos importante) observação em alguns livros didáticos que nos permitem revisitar as concepções de Galeano em suas páginas.

“O espírito é sempre vítima dos enganos do coração”

François La Rochefoucauld

Galeano e o Imaginário do Vitimizado nos Livros Didáticos

De certo o que mais nos preocupou nesse trabalho, foi a presença do Imaginário do Vitimizado dentro de uma perspectiva escolar. Sabemos que nem no meio acadêmico nos é permitido estudar o conteúdo completo que a história da América dispõe. Porém, não devíamos tratar até mesmo no ambiente escolar, a história da América superficialmente, sem que os alunos possam perpassar por diversas abordagens. Mas essa não é nossa discussão. Por mais que a profissão nos dê essa tarefa, não isso que questionamos. Deixemos então, o

assunto para os teóricos da educação tentarem ao menos diminuir a defasagem que o ensino, não só de história mas de outras áreas também, ainda tem.

O que nos propomos a fazer até agora, foi usar o texto de Eduardo Galeano, “*As Veias Abertas da América Latina*” para dialogar com outros autores e conceitos e a partir disso desenvolver um conceito que chamamos de “Imagem do Vitimizado”, que seria uma concepção de uma América Latina vitimizada no contexto da colonização e conquista. Essa concepção está presente na obra de Galeano, que como já havia dito, propus analisar rapidamente e pôr em diálogo com outros autores que se valiam da mesma concepção usando outros termos ou teorizando o assunto (caso do antropólogo francês Pierre Clastres) e autores que concebiam a colonização de uma outra maneira, sem que o nativo fosse vítima, mas também um agente do período, mesmo que de fato, escravidão e morte se fizessem recorrentes. Por fim, aqui nesse capítulo, analisaremos quatro livros didáticos escolhidos por seus anos de lançamento, para que possamos neles identificar o discurso do vitimizado e relacionarmos com a obra do jornalista uruguaio, na qual já debatemos aqui e sem dúvida foi fundamental para o nosso trabalho.

Todos os títulos escolhidos são voltados para o público do Ensino Médio e tem a preocupação de abarcar um grande período da história, se fazendo em sua maioria volumes únicos ou séries compactas. No caso dos livros didáticos da História do Brasil, o assunto aparece menos descrito. As páginas que se dedicam à colonização buscam se ater aos acontecimentos que seriam peculiares à América portuguesa, mas é possível encontrar o que procuramos. Já com relação aos livros que tratam especificamente da História Moderna e Contemporânea, a tarefa se torna menos penosa e chegamos a identificar declaradamente o discurso de Galeano empregado nas linhas dos textos.

Vejamos então brevemente um por um, começando com o que data mais tempo. Francisco de Assis Silva e Pedro Ivo de Assis Bastos escreveram “*História do Brasil*” que teve sua segunda edição lançada em 1983. Na apresentação, os autores dizem ter revisto e ampliado a obra, além de alterar a disposição da matéria – que segundo os próprios se faz mais nítida nas páginas dedicadas ao período colonial – com a pretensão de facilitar a explicação do professor e o entendimento do aluno.⁹ Pois bem, os autores dedicam um capítulo à formação social da colônia. Essa formação social se divide, inclusive nessa divisão, aparece a divisão étnica. Mas sem nos prolongarmos, vejamos os que têm a nos dizer os

⁹ SILVA, Francisco de Assis et BASTOS, Pedro Ivo de Assis. *História do Brasil*. São Paulo, Ed. Moderna, 2ªEd.

autores nas páginas sobre os índios:

Quando os conquistadores ingleses, franceses, holandeses, espanhóis e portugueses, destruidores de culturas nativas e dominadores, chegaram ao continente americano, a América já era habitada (...) A chegada dos civilizados' homens-brancos-europeus, a partir daquele final do século XV, significava o começo do fim do verdadeiro homem americano(...)¹⁰

Repare que as aspas na palavra “civilizados”, quase duvidam das características civilizacionais dos conquistadores. E o texto segue com trechos que falam de um sistema colonial que proporcionou o aprisionamento e – vale destacar a próxima fala – infelicidade¹¹ ao índio que tinham usurpado sua terra e mulheres. Não preciso nem dizer, que certamente encontramos palavras parecidas no livro de Galeano, mas faço questão de identificá-las, numa das frases que ainda reverberam nas linhas de Clastres: *“A violenta maré de cobiça, horror e bravura não se abateu sobre estas comarcas, senão ao preço do genocídio nativo (...)”* (Galeano, p.50). É a concepção do nativo vitimizado, que ostentava maravilhosas vidas em sua sociedade pré-colombiana e sofreu as duras penas servindo com suas riquezas e sua vida o conquistador branco. Mas não devemos parar por aí. Seguindo a ordem que escolhemos (do mais antigo para o mais novo) temos aqui o livro *“História Moderna & Contemporânea”* (José Jobson de Arruda, Editora Ática, 1986), que o próprio autor diz, na apresentação, dar ênfase à época moderna da civilização ocidental, tendo como principais fios condutores o viés econômico e o viés social, do qual ele entende ser de fundamental instrumentabilidade para o estudo da época. Aqui, curiosamente não se faz explícita a idéia do vitimizado. Em compensação, o sistema colonial e os próprios sentidos da colonização ganham caráter quase que exclusivamente econômico. O que sem dúvida não se faz absolutamente verdadeiro. Mas nossa discussão não se estabelece nesses meandros. Por isso não nos preocupamos com isso e citamos o livro para que possamos comparar com anterior e se fazer justiça: a imagem vitimizatória do nativo não aparece em todos os livros.

Contudo, Alceu Luiz Pazzinato e Maria Helena Valente Senise em título igual ao anterior (o

¹⁰ SILVA, Francisco de assim et BASTOS, Pedro Ivo de Assis. História do Brasil. São Paulo, Ed. Moderna, 2ªEd. p. 39

¹¹ SILVA, Francisco de assim et BASTOS, Pedro Ivo de Assis. História do Brasil. São Paulo, Ed. Moderna, 2ªEd. p. 39. N. Do Autor: De fato o livro fala de fim da felicidade e liberdade do índios, envolvendo-os numa imagem além de vitimizatória, maravilhosa.

nome da obra é “*História Moderna e Contemporânea*), que data de cerca de uma década mais tarde, não só usa nas suas entrelinhas a imagem do vitimizado da qual discursa Eduardo Galeano, mas como também, no seu curto desenvolvimento acerca da questão colonial, adapta um trecho de “*As Veias Abertas da América Latina*”¹². Os autores, intitulam a adaptação como “*A destruição das comunidades indígenas no império espanhol*”, que inclui a citação da obra do jornalista que diz que a “*mita era uma máquina de torturar índios*” (Galeano, p.52). Mais uma vez, em mais um livro de volume único para uso no ensino médio, encontramos presente e afirmativamente a presença da concepção vitimizatória do nativo na questão colonial. E dessa vez, o livro data de dez anos atrás, apenas.

Por último e, que acaba sendo nossa mais interessante “fonte”, está a obra “*História: Uma Abordagem Integrada*” de Nicolina Luiza de Petta e Eduardo Aparicio Baez Ojeda, destinado também ao ensino médio. Esse livro propõe, inclusive na apresentação que são de autoria dos próprios Nicolina e Eduardo, o tratamento em conjunto das tradicionais divisões em História da América, História Geral e História do Brasil. Mas não é isso que de fato nos chama a atenção. O que nos deixa intrigados com o método empregado no livro com relação às dinâmicas coloniais. Vejamos o fragmento a seguir, situado na página 70, logo abaixo do subtítulo “*Colonização: As duas faces de uma mesma História*”:

A colonização da América é um tema que comporta opiniões que se contrapõem: para uns, foi um acontecimento benéfico, que trouxe avanços tecnológicos para as sociedades que viviam em condições pré-históricas; para outros, foi um crime contra as populações nativas da América. Devemos observar que a cultura ocidental não era sinônimo de felicidade humana, nem os índios eram anjos que viviam no paraíso terrestre. Um fato nenhuma análise pode negar: os indígenas não tiveram escolhas.

Podemos notar no fragmento acima, que há uma idéia de mediação nas relações entre conquistadores e conquistados. Obviamente o sentido da colonização para os europeus é diferente para os ameríndios, mas não é nesse sentido que os livros didáticos já citados e nem a obra de Eduardo Galeano dissertam sobre. É a imagem do nativo vitimizado que se estabelece. Mas curiosamente, em “*História: Uma Abordagem Integrada*” não é o que nos

¹² PAZZINATO, Alceu Luiz et SENISE, Maria Helena Valente. *História Moderna e Contemporânea*, São Paulo Ed. Ática, 1998, p.55.

apresenta os autores, pelo menos no parágrafo que aqui explicitamos. Pelo menos. No decorrer do texto, a imagem do vitimizado vai aparecendo aos poucos, quando Petta e Ojeda, tratam por exemplo, os costumes de guerra indígenas como códigos de conduta e os mecanismos de dominação europeus como humilhantes castigos, ou designam ao desrespeito as novas fronteiras impostas pelos conquistadores¹³.

Mesmo que uma ou outra abordagem acerca das concepções da colonização da América Latina se esquivem da imagem do vitimizado, extremamente presente na obra de Eduardo Galeano, é sem dúvida muito recorrente tal concepção nos livros didáticos, e não só nos que se direcionam ao ensino médio mas também ao ensino fundamental. Porém, visto que para atender mais adequadamente nosso trabalho, depositamos nas bases do ensino médio a nossa metodologia que poderia ter uma considerável amplitude, inclusive se nos coubesse aqui, assim fazer. Mesmo assim, considero que explicitamos bem a questão, sem nos tornarmos maçante ou repetitivos.

Conclusão

*“Entre a brutalidade para com o animal
e a crueldade para com o homem,
há uma só diferença: a vítima.”*

Lamartine

O que tentamos abordar nesse trabalho foram as concepções acerca da imagem do vitimizado no contexto da colonização da América Latina, tomando como base a obra de Eduardo Galeano *“As Veias Abertas da América Latina”*, que se contrapôs aqui a outras obras que foram de excepcional serventia para esse trabalho. Entretanto, sentimos que era exatamente da nossa alçada dialogar não só com os autores que conhecemos quase que exclusivamente a partir do momento em que adentramos a academia, mas também se fez necessário que se visitasse onde essa imagem do vitimizado é amplamente divulgada e repassada ao conhecimento geral: o ambiente escolar de nível médio e fundamental. Para que o conteúdo fizesse algum sentido, tivemos que abordar primeiro as concepções acadêmicas e nos aproximarmos do tema com mais profundidade, cabendo no decorrer, a visita dos textos de livros didáticos e fundamentar assim o que foi o intento desse trabalho desde a

¹³ PETTA, Nicolina Luisa de et. OJEDA, Eduardo Aparicio Baez. História: Uma Abordagem Integrada: volume único. São Paulo, ed. Moderna, 2º Edição, 2003. pp. 71 e 72.

apresentação, a percepção de que a imagem do vitimizado, mesmo que esteja cada vez mais perdendo força no meio acadêmico, ainda respira ativamente na educação e no senso comum, e não se constituindo basicamente ali, mas ainda nas revisitações às obras de consagrados escritores que antes de serem questionados, formavam a base do ensino acadêmico.

Acreditamos que esse ponto-chave foi discutido de maneira se não tão esclarecedora, incitativa, para que possamos devidamente observar questões pertinentes no ensino da História e no aprendizado tanto acadêmico quanto básico e médio.

Referências Bibliográficas

ARRUDA, José Jobson de. **História Moderna & Contemporânea**. São Paulo, Ed. Ática, 1986.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência: ensaios de antropologia política**. São Paulo, CosacNaify, 2004.

FRAUSTO, Bruno César de Sá. **Do etnocídio**. Disponível em: <<http://estacaod.blogspot.com/2008/05/do-etnocidio.html>>. Acesso em: 07 dez. 2008.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**: tradução de Galeno de Freitas, Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1993.

GIL, Antônio Carlos Amador. *Rev. Bras. Hist. Vol.22, no.44*, São Paulo, 2002

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. São Paulo, Presença, 2000.

MONTEIRO, John. **Escravo índio, esse desconhecido** In: CHAÚÍ, Marilena de Souza, GRUPIONI. *Índios no Brasil*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

MORSE, Richard. **O Espelho do Próspero**: Cultura e Idéias nas Américas. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

PAZZINATO, Alceu Luiz et SENISE, Maria Helena Valente. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo Ed. Ática, 1998.

PETTA, Nicolina Luisa de et. OJEDA, Eduardo Aparicio Baez. **História: Uma Abordagem Integrada**: volume único. São Paulo, Ed. Moderna, 2º Edição, 2003

PUNTONI, Pedro. **A guerra dos bárbaros**: povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720. São Paulo: Hucitec, 2002.

SILVA, Francisco de assim *et* BASTOS, Pedro Ivo de Assis. **História do Brasil**. São Paulo, Ed. Moderna, 2ªEd. 1983.

SILVA, Mario Bezerra da. **Vitimologia**. Disponível em:
<<http://www.apriori.com.br/cgi/for/vitimologia-2722.html>.> Acesso em:

TODOROV, Tzvetan, **A Conquista da América: A questão do outro**. 2ed. São Paulo, Martins Fontes. 1999.